

Um olhar acerca das relações de dominação e submissão no BDSM sob a perspectiva de gênero¹

Vera Lucia Marques da Silva

Fiocruz/ENSP/RJ

Palavras-chave: BDSM; erotismo; gênero.

Este *paper* objetiva perscrutar como as relações de Dominação e Submissão, próprias da subcultura BDSM, se configuram, sob a perspectiva de gênero, no que diz respeito tanto aos tipos ideais envolvidos, quanto aos direitos, deveres e posturas adequados. De imediato dois esclarecimentos se fazem necessários: o que é BDSM e qual o conceito de gênero utilizado nesta análise.

BDSM é um acrônimo que deve ser lido em pares, ou seja, BD, se refere a jogos eróticos que envolvem Bondage e Disciplina, DS, jogos de Dominação e Submissão, SM, jogos de Sadomasoquismo. O BDSM reúne, portanto, um conjunto de práticas sexuais não convencionais, nas quais o poder é erotizado. Não à toa, a relação entre aquele que detém o poder e aquele que é supostamente submetido a ele é a relação estruturante desta subcultura. Vale esclarecer que as pessoas submissas no BDSM possuem agência em suas relações, estabelecendo consensualmente com seus potenciais dominadores a forma como desejam ser submetidas. Portanto, dominador e submisso devem ser apreendidos sempre de forma relacional, ou seja, um forma o outro continuamente, sendo difícil dizer quem domina e quem se submete.

Entre os princípios do meio está o SSC, que significa Seguro, São e Consensual³². “Seguro” diz respeito a não correr riscos sem as devidas precauções. “São” requer que os

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

praticantes estejam de posse de todas as faculdades mentais, assim como emocional e intelectualmente equilibrados. “Consensual” refere-se à necessidade de um acordo prévio entre os envolvidos acerca das práticas que serão realizadas. Sobre este princípio, alguns aspectos precisam ser ressaltados.

O primeiro refere-se ao quesito segurança, que sinaliza, como bem pontua Gregori (2008), práticas que se desenvolvem no limite da fronteira entre prazer e perigo, o que parece denunciar o próprio prazer pelo risco. Daí, o exercício da vigilância mútua entre e pelos adeptos ser tão importante³³. Por um lado, trata-se de um mecanismo de autoproteção e defesa, regulação e controle, bastante difundido no meio, conforme observaram Facchini (2010) e Melo (2010). Por outro, faz parte do rito de reconhecimento social. Nesse sentido, a pesquisadora Weiss (2011) chega a afirmar que uma pessoa só se torna realmente praticante de BDSM quando participa do que denominou de “comunidade social, sexual e educacional”, que ensina técnicas de autocontrole ao lado de cordas de bondage e habilidades de amarração. Esse compromisso com a comunidade é uma forma de pertencimento social, que, segundo a autora, diferencia o BDSM como uma comunidade de prática. Tanto Gregori (2003; 2008), quanto Zilli (2007) observam que as práticas BDSM revelam certo cálculo racional do uso do prazer para maximizar sua intensidade e minimizar os riscos decorrentes dessas práticas.

Um segundo aspecto importante deste princípio diz respeito à defesa da sanidade física e mental para a realização das práticas BDSM. Algumas destas práticas, como a sadomasoquista, são consideradas pela Medicina e pelas ciências Psi como patológicas. Refletindo sobre este aspecto à luz do conceito de microfísica do poder, definido por Foucault, no qual o poder é sempre produtivo², é possível afirmar que a defesa da sanidade dialoga com o discurso médico, se contrapondo a este. Zilli, (2007) chama a atenção para este ponto.

Por fim, a consensualidade implica, ao menos, dois outros elementos. Primeiro, a definição das fronteiras deste conjunto de práticas não normativas, do qual estão

² Foucault (1987) infere que as relações de poder são dinâmicas, que se apóiam em estratégias globais e locais que se autocondicionam, e que os discursos táticos envolvidos não correspondem à realidade, porém uma articulação entre poder-saber. Não existe um discurso excluído e um dominante, já que os indivíduos estão sempre em posição de exercer e de sofrer o poder, ainda que haja diferenças de potencial e que as relações sejam relativamente estáveis.

excluídas, portanto, a pedofilia, a necrofilia e a zoofilia. Segundo, o afastamento da ideia de violência sexual. A violência implica sempre uma violação, um desrespeito aos limites do outro, à sua dignidade, o que é totalmente rechaçado pelo discurso nativo. Assim, é possível inferir que o SSC reforça um erotismo politicamente correto, como já acentuou Gregori (2003).

Ao perscrutar como o meio BDSM pensa a dominação erótica quando realizada por homens e quando por mulheres, assim como a submissão masculina e a feminina, faço uso da compreensão de que gênero é um *constructo* social. Conforme Butler (2008), o gênero é performativamente produzido e imposto compulsoriamente pelas práticas reguladoras da coerência de gênero. A performatividade de gênero denuncia que ele se constitui pelas próprias expressões tidas como seus resultados. Segundo Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, que são permeadas por simbologias, crenças, políticas que atravessam estas relações e legitimam uma certa ordem entre os gêneros, na qual o gênero masculino é superior ao feminino. A esta valoração denomina-se hierarquia de gênero. É, a partir destas lentes, que desenvolvo este trabalho.

Cabe informar que a reflexão aqui proposta é parte de minha tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC do Rio de Janeiro. Iluminados os objetivos e prestados os esclarecimentos necessários, este *paper* se organiza da seguinte forma: em um primeiro momento, é apresentada a metodologia de pesquisa utilizada. Em seguida, delinea-se alguns aspectos acerca de como a dominação e a submissão são percebidas pelos BDSMistas, ou seja, praticantes de BDSM, com o propósito de definição identitária. Posteriormente, são abordados o que o meio define como direitos, deveres e posturas requeridas das personas envolvidas, E, por fim, alguns pontos de disputa entre os gêneros, que têm lugar entre os adeptos do BDSM, são sinalizados.

Metodologia

O conteúdo empírico analisado neste artigo é parte de etnografia virtual desenvolvida para minha tese de doutoramento. O material que ora é apresentado, de domínio público e irrestrito, pautou-se nas seguintes atividades: a) acompanhamento de

blogues e sites nacionais; e b) observação de páginas das redes sociais Facebook e FetLife – sendo esta última uma rede específica de praticantes BDSM; e c) a utilização de salas de bate-papo tradicionais entre os praticantes, a saber, aquelas identificadas com a temática sadomasoquista do provedor UOL, nas quais foram realizadas oito entrevistas informais com internautas. Tanto nas redes sociais, quanto em blogues e sites, realizei observação silenciosa, ou seja, sem participação ativa. Esta prática é denominada por Fragoso et al. (2013) de *lurking*. Dois esclarecimentos fazem-se mister.

O primeiro diz respeito às questões de ética na pesquisa. A Resolução número 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, preconiza que pesquisas que utilizam informações de domínio público estão desobrigadas de registro e avaliação por Comitês de Ética em Pesquisa, bem como pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. O trabalho ora proposto está amparado, portanto, por esta determinação.

O segundo ponto refere-se à seleção do conteúdo a ser examinado. Os blogues e sites visitados foram escolhidos a partir das duas primeiras páginas de sugestões apresentadas pelo aplicativo de busca do Google, uma vez que, teoricamente, são os mais visitados da internet. Em tal busca, palavras-chave como “BDSM”, “dominação” e “submissão”, por exemplo, foram utilizadas. Aplicou-se na coleta de material empírico a técnica de amostragem por saturação, conforme definida por Minayo¹⁵. Por meio das categorias de busca informadas nesta pesquisa, foram localizados apenas um blogue de submissos gays e um de uma submissa lésbica. Foi exatamente por conta desse resultado que esta pesquisa acabou por focar parceiros heterossexuais.

A este trabalho de pesquisa na internet, desenvolvido ao longo dos anos de 2013 a 2015, somou-se a revisão bibliográfica de material publicado em âmbito nacional e nos EUA. Algumas entrevistas de praticantes em revistas e jornais também foram secundariamente consideradas na análise. Esse esforço objetivou cotejar algumas informações e a linguagem utilizada, a fim de conhecer mais amplamente o universo BDSM, tal como se expressa no mundo virtual. Assistir a filmes que, em alguma medida, abordavam a temática BDSM também fez parte das atividades desenvolvidas, o que me permitiu conhecer alguns elementos que fazem parte dessa subcultura. Encontrei, comumente, referência a tais filmes nos blogues nativos pesquisados,

expressamente com a indicação de que refletiam certas dimensões das práticas em questão. Esse material foi utilizado apenas como parte de uma incursão pelo BDSM³.

Acerca de pesquisas no espaço virtual, é preciso considerar que a internet se tornou um importante meio de comunicação mundial, disseminando informações e estreitando laços entre pessoas e diferentes culturas. Contudo, quando as práticas estudadas e seus sujeitos são marcadas pelo estigma, a internet se apresenta como um *locus* de estudo por excelência graças ao alto grau de anonimato que envolve os internautas. Este é o caso do BDSM. Sendo uma subcultura marcada pelo estigma, na qual a guarda de um segredo comum congrega seus praticantes, pode-se inferir a importância do ciberespaço tanto para o fortalecimento do grupo e a disseminação de seu estilo de vida, quanto para a viabilização desta pesquisa.

Dominação e submissão como parte da “natureza” dos indivíduos

Navegando por páginas e blogues do BDSM no ciberespaço, alguns elementos são reiteradamente afirmados pelos adeptos na tentativa de definir uma certa identidade constituída a partir de suas práticas sexuais. Entre estas afirmações, está a defesa de que a dominação e a submissão são parte da essência, da natureza de seus adeptos, constituindo-se em uma orientação sexual⁴. Ainda assim, tanto a dominação quanto a submissão, e esta segunda de forma mais contundente, exigem o aprendizado das técnicas envolvidas e um desenvolvimento interior, uma superação dos limites individuais.

O relato da adepta Senhora Lúcifer exemplifica claramente a afirmação de que ser dominador ou ser submisso é algo inato à pessoa:

Antes de ser Dominadora, eu sou uma mulher que gosta das mesmas coisas que as outras e o fato de ser Domme⁵ não me torna mal-educada, mal-humorada ou grossa, por que tenho prazer em ser o que sou, muitos confundem os dominadores com pessoas sem sentimentos, arrogantes, ignorantes e afins. Mas ser Dominadora exige no mínimo um pouco de educação, inteligência, conhecimento sobre o assunto, malícia, sagacidade[.é] por isso que nós Dominadores temos que ser responsáveis para conduzir a vida de nossos submissos, que nos entreg[aram] em um ato de amor e devoção. Dentro dessa condição

³ Para conhecer a filmografia desta pesquisa, ver Silva 2015.

⁴ Orientação sexual diz respeito ao desejo sexual. Vale a forma como as pessoas se sentem a partir de suas práticas sexuais (Silva, 2015a).

⁵ Domme é uma categoria nativa que significa dominadora.

escolhi ser Domme? Não, nasci Dominadora e acho que todos nascem com uma posição e me descobri muito cedo como Domme, talvez seja por ser muito maliciosa ou uma pessoa fria e com grande controle emocional, acabei usando de uma forma saudável dentro do BDSM.⁶ [grifo meu]

Posição interessante é a da adepta Rainha Frágil, que confirma o contraste entre uma “natureza baunilha” e uma “natureza” dominadora ou submissa, defendendo a impossibilidade de uma mulher “baunilha” se tornar uma dominadora ou um homem “baunilha” ser um submisso. A adepta ressalta, contudo, uma possível fluidez entre dominação/submissão dentro do BDSM. Conforme suas palavras:

[À]s vezes os escravos me perguntam sobre como transformar as namoradas em dominadoras. Por experiência digo que é quase imp[ossí]vel. [...] a verdade é que você nasce assim mesmo. E acaba que é uma questão de identidade. É mais fácil transformar uma submissa em Dominadora do que uma baunilha. Como um gay, pode ser ativo e passivo, pode flutuar, mas sempre será gay. E nenhum h[étero] vira gay só porque quer, e nenhum gay vira h[étero] quando quer. Também um homem baunilha, machista ou não, só vira submisso nos contos eróticos, porque na real mesmo nunca vi isso acontecer. Se ele é baunilha, sua cabeça e seu corpo pensam a mulher de outra maneira, muito diferente do submisso. [À]s vezes, pode ser um homem dócil que confunde as mulheres, e eles podem até ser pod[ó]latras ou fetichista[s], de leve, mas podem jamais virem a ser submissos. Assim como uma mulher autoritária não é necess[ari]amente uma Dominadora. Isso é outro engano.⁷ [grifo meu]

Cabe esclarecer do que se trata essa “natureza baunilha”. “Baunilha” é um termo recorrente no meio BDSM e é utilizado como categoria estruturante, a partir da qual, por contraposição, o universo BDSM se constitui. A relação “baunilha” é convencional, comum, apreendida como insossa, na qual sentimentos negativos como o ciúme e a insegurança têm espaço. É uma categoria depreciativa e se opõe à experiência BDSM que é percebida como excitante, extremamente prazerosa, profundamente íntima e libertadora.

Assim como a dominação, a submissão também é compreendida como parte da essência do indivíduo, o que fica claro na seguinte fala de uma submissa:

⁶ Disponível em: <<http://www.pensamentoindecete.com/2012/02/bdsm-femdom-lezdom-dominacao-feminina.html?zx=b561f6a7a6143a84>>.

⁷ Disponível em: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

Submissão é algo que nasce com você...é quando a mulher precisa de alguém que lhe comande a vida, que lhe cuide, que lhe proteja, é quando sentimos prazer com a dominação de nossos homens...e precisamos disso em nossas vidas...eu confesso que a submissão pra mim é o verdadeiro tempero sexual...sem ela nunca senti prazer na minha vida sexual. Não sinto prazer no sexo comum...por isso eu digo que a submissão existe na alma...existe dentro da gente...não tem como ser criada nem cultivada...ela existe e pronto.⁸ [grifos meus]

Comumente, o BDSM é entendido por seus adeptos como uma orientação sexual. Alguns relatam sentir essa orientação ainda muito jovens. Esse é o caso do odontólogo Tiago, um submisso, que se “descobriu” por meio da internet:

Eu sempre fui muito bem resolvido como submisso [...]. Eu me sinto assim desde os meus 14 anos de idade, mas como a sociedade é muito fechada e não tinha o advento da internet, eu vim me descobrir cinco anos atrás, hoje eu tô com 36. Eu via assim muito vagamente as pessoas falarem, nada que fosse assim muito completo, mas quando eu comecei a entrar na internet, quando eu comecei a frequentar sala de bate-papo BDSM, eu comecei a conhecer pessoas que me ajudaram no início.⁹

Outro relato que caminha nesse sentido é o de Henrique, que afirma: “[d]esde **criança, seis, sete anos, eu já tinha fantasias com SM, eu imaginava uma menina me usando como cadeira.**” Por volta dos 14 anos, procurava se informar sobre o que era sadomasoquismo em dicionários e enciclopédias. Mas, aos 18 anos, por meio da internet, descobriu, enfim, o BDSM. “**Foi uma tijolada, de repente, eu chego lá e já tem as regras. Eu ficava imaginando fantasias, fantasias, fantasias, e quando eu [chego] na Internet, eu vi que tem lugares próprios pra isso, tem regras.**”¹⁰

No discurso nativo, o termo escravidão aparece associado à submissão. Indagado sobre se submissão é sinônimo de escravidão, um dominador durante bate-papo em chat da UOL afirma: “**Eu odeio escravas. [E]scrava é imposição. Submissão é conquista.**”¹¹ Entretanto, outro responde a tal pergunta explicando:

⁸ Disponível em: <<http://devaneiosdeumasubmissa.blogspot.com.br/2013/03/porque-ser-submissa-como-lidar-com.html?zx=10e8669ad3d13493>>.

⁹ Disponível em: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

¹⁰ Para acessar o relato na íntegra, ver: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

¹¹ Chat da UOL, 22 de maio de 2013.

[...] veja bem[,] a diferença única e exclusiva está na forma de servir, digamos que a submissa se dedica de forma mais suave, enquanto a escrava é mais dedicada nas sessões tipo aceitar certas pr[á]ticas mais pesadas, mais *masoka* compreende[?].¹²

Depreende-se dessa fala um certo *continuum* entre a submissão e a escravidão, a partir da forma como a subserviência é vivenciada – da mais suave à mais “pesada”, mais masoquista, que parece indicar a que oferece mais sofrimento. No entanto, percebe-se que não há consenso em torno de uma distinção entre o que é uma “escrava” e o que é uma submissa. Apesar dessas e algumas outras tentativas de adeptos em propor uma diferenciação, o uso desses termos me pareceu indistinto, seguindo apenas o gosto dos envolvidos na relação de dominação/submissão.

O exercício da dominação é visto como uma prática que contribui positivamente para o desenvolvimento da pessoa que o pratica, como revela em entrevista Lady Evil:

Me orgulho muito da mulher que sou hoje, forte, determinada, segura, sei o que quero, e como quero, e é óbvio que o BDSM ajudou bastante, com ele me completei, não conseguiria abandonar um braço, ou uma de minhas pernas, vejo o BDSM assim, como parte do que eu sou, e acredito que ainda tenho um longo caminho a percorrer, vou continuar nesse processo evolutivo, aprendendo sempre e me tornando um ser humano cada vez melhor.¹³ [grifos meus]

A relação de dominação/submissão pressupõe um “adestramento” da pessoa submissa por parte do dominador. Adestramento é um termo frequentemente utilizado e associado ao aprendizado pelo qual a pessoa submissa deve passar, remetendo-se diretamente ao treinamento de animais, entre eles, os cães. Nesse meio, percebeu-se que o cão é carregado de valor simbólico, por se relacionar a valores como obediência e fidelidade absoluta ao seu dono. A metáfora do “cão” está presente em diversas expressões, como a da submissa que deseja ser a “cadela” de seu dono ou a do submisso que reconhece que sua “dona pode ter quantos cães desejar, mas o cachorro só pode ter um dono”. Obediência e fidelidade: elementos tão valorizados na experiência de dominação/submissão. A perfeição no “adestramento” e na submissão é um ideal a ser

¹² Idem.

¹³ Disponível em: <<http://sm-semmisterio.blogspot.com.br/2009/07/edicao-especial-uma-incrivel-entrevista.html>>.

perseguido pelo dominador e pela submissa, respectivamente. Já a dominação, também exige certo aprendizado, que, entretanto, jamais é denominado de adestramento.

Ao ser questionado sobre o que é um “adestramento perfeito”, durante um bate-papo, um dominador explica:

[...] significa orientaç[ã]o, ensinamento correto das pr[á]ticas, verificar seus limites [à] submiss[ã]o, a dor, a obedi[ê]ncia, o n[í]vel de entrega, a fidelidade da sub, [porque] uma sub n[ã]o deve se deixar algemar[,] amarrar ou venda[r] antes de ter tido v[á]rias sess[õ]es com o dom[,] at[é] poder confiar plenamente na conduç[ã]o dele.¹⁴

Trata-se, portanto, do aprendizado de uma técnica. Bastante propício lembrar o argumento do sociólogo Le Breton (2010) quando assinala que o aprendizado de qualquer nova técnica é também um aprendizado sensorial. Segundo o autor, aprender a cozinhar, por exemplo, incita o olfato, o gosto, a visão. A experiência corporal, daí decorrente, irá modelar as percepções sensoriais pela integração de novas informações relacionadas ao pertencimento social do indivíduo e de seu modo específico de inserção no sistema cultural. Logo, a experiência inicial de fumar maconha, citada pelo autor, demanda o aprendizado da técnica de fumar e o reconhecimento de certas sensações como algo bom ou ruim, dependendo do lugar social em que o indivíduo esteja inserido. Penso que o mesmo ocorre em relação à dor, entre outras experiências, no universo BDSM. Diante de uma sessão de velas, por exemplo, em que o dominador derrama cuidadosamente sobre a pele de sua submissa a cera derretida, é necessário que a submissa aprenda a reconhecer prazer nas sensações que sentirá sobre a sua pele.¹⁵

O aprendizado contínuo contribui para a sensação de libertação tão frequentemente relatada na experiência de submissão,¹⁶ conforme pode ser averiguado no seguinte *post* divulgado pelo blogue da Lola:

Ser uma submissa no BDSM é, pra mim, uma das partes da minha vida onde mais exerço meu feminismo, porque é lá que eu decido o que será feito com o meu corpo. Pode até ser que pareça que sou passiva ali, porém fui eu que decidi o que pode e o que não pode ser feito do meu corpo, e eu posso decidir a hora de parar. Sou, como submissa, mais livre que mulheres que são reféns de seus maridos, namorados e companheiros. Sou mais livre

¹⁴ Chat da UOL, 19 de maio de 2013.

¹⁵ Para conhecer mais detalhes acerca dessa técnica, ver: <<http://carcereiro.site88.net/educ/301-07-hotwax.htm>>.

¹⁶ Brame et al. (1993) também percebeu entre seus entrevistados a associação da submissão a uma experiência libertadora.

que pessoas que sofrem violência doméstica. Sou mais livre que mulheres com pensamentos machistas, que regulam o que vestem e com quem transam pelo que os outros vão pensar. Sinto-me livre porque a beleza do BDSM é a entrega segura, é a confiança.¹⁷

Em outra mensagem deixada no site do Reino de K@, tem-se:

Cada vez que leio seus textos, mais tenho certeza que tudo isso [é] um processo de liberta[çã]o, onde a entrega ao nosso dono, e realizar as vontades dele, e revelar os nossos desejos escondidos. No mundo baunilha geralmente nos travamos, nas conven[çõ]es do sexo conservador, mas ser uma sub me parece poder colocar pra fora aqueles desejos mais profundos como ser de um dono e ser usada por ele, ser objeto de suas fantasias mais perversas e s[á]dicas, ou viver momentos carinhosos[,] como descrito acima, nunca uma rotina, sempre tentando agradecer seu mestre feito uma cachorrinha, por um carinho.¹⁸
[grifo meu]

Direitos, deveres e posturas adequadas

Tanto a dominação quanto a submissão são prolixas em relação à normalização de suas práticas, estabelecendo regras, deveres e direitos e institucionalizando o princípio da autonomia na ordem BDSM. A adepta Lady Jade elenca dez regras simples para um Dom¹⁹ ou uma Domme.

1. A **SEGURANÇA** do submisso terá, sempre, prioridade máxima do seu Senhor, seja física ou emocional.
2. **SEMPRE** respeite e honre a palavra segura vinda do submisso e **NUNCA** o coloque com medo de usá-la.
3. Da mesma maneira que submissão é um presente a ser visto e vivido como um tesouro, Dominação é um talento a ser lapidado e assim deve ser educado e experimentado **ANTES DE** assumir a responsabilidade de outra vida.
4. Não seja tão arrogante a ponto de não conseguir escutar e entender os pontos de vista e as necessidades do seu submisso. Você pode aprender muito com ele. Afinal de contas, comunicação é a base de uma relação BDSM e não pode ser obtida sem total apoio de ambos.
5. **NUNCA** castigue um submisso retendo seu afeto, isso é chantagem emocional[1].

¹⁷ Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2013/04/guest-post-sou-feminista-e-submissa-no.html>>.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.mestreka.com/fantasia-bdsm-cerimonia-chocolate>>.

¹⁹ Dom é sinônimo de dominador.

6. Proveja direção e apoio quando precisar e permaneça sintonizado na reação do sub. Em retorno, você ganhará um submisso ansioso para lhe agradar e servir, pois o mesmo sente-se valorizado por você.
7. Proveja seu submisso com diretrizes negociadas. Faça-o estar dentro dessas diretrizes e, se sair, castigue-o.
8. Entenda que, da mesma maneira que você deve ganhar a confiança do submisso, este deve ganhar a sua. Isto não mina seu controle, mas o fortalece.
9. Desfrute e use o que lhe é ofertado com generosidade, aspereza, dor e prazer e tenha a sabedoria para saber quando usar cada um.
10. Nunca deixe que o orgulho cegue-o em sua “viagem” de poder e seja forte para assumir um erro, um engano. Complete, sendo franco ao revelar-se arrependido, pedindo desculpas. Da mesma forma que um submisso não é perfeito 24 horas por dia um Senhor, também, pode não ser.²⁰ [grifos meus]

Chamo a atenção para a terceira regra que define submissão e dominação de forma bastante interessante: **“submissão é um presente a ser visto e vivido como um tesouro”**, uma vez que tem implicações sobre os deveres do dominador. É, portanto, um presente valioso, pois se compara a um tesouro. Por outro lado, a dominação **“é um talento a ser lapidado e assim deve ser educado e experimentado”**. Logo, a dominação requer uma aptidão do indivíduo – talento. Natural ou adquirido, o talento não basta por si só: é necessário ser lapidado, ser educado, como já sinalizado no tópico anterior. Afinal, é necessário reconhecer o valor do que foi recebido e ser grato. A gratidão do dominador traduz-se em cuidado. Lady Jade salienta que esse aprendizado deve anteceder ao presente, uma vez que ele envolve nada menos que a vida de uma outra pessoa. A dominação requer o exercício da responsabilidade sobre o outro.

As regras apontadas por Lady Jade, somadas àquelas que defendem o aprendizado de técnicas como *shibari* (técnica oriental de amarração do corpo em que se colocam os nós em áreas erógenas), primeiros socorros, entre outros, encontram eco na assertiva de Lipovetsky (2007), quando este afirma que o imaginário de excelência técnica e o imaginário relacional caminham hoje de comum acordo. Assim, não se trata de uma sexualidade monádica vencedora, porém de um modelo calcado na intersubjetividade, na integração com a alteridade desejante do outro. Ou seja, o quadro da vida sexual idealizado no BDSM é confluyente com o delineado por Lipovetsky, quando qualifica a cultura erótica contemporânea, que:

²⁰ Disponível em: <<http://cordasenos.blogspot.com.br/p/perguntas-respostas.html#105>>.

[...] não coincide com o “cada um por si”, mas bem ao contrário, com um ideal de troca de prazeres, de escuta do desejo do outro, de atenção a seus ritmos e a suas preferências. Tornou-se “normal” em situação íntima, falar da libido, exprimindo os amantes, daí em diante, suas expectativas e seus gostos, “corrigindo” um ao outro. Mais que uma injunção ao desempenho, é um ideal de reciprocidade hedonista, acompanhado de um modelo de comunicação interpessoal, que qualifica a cultura erótica na hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2007, p. 298, grifos meus).

O BDSM constitui-se a partir da adesão a práticas sexuais não convencionais, de forma que o erotismo está na essência de sua formação, e requer, segundo o discurso nativo, que os envolvidos contratualizem a forma como vão desenvolver essas práticas. Nesse percurso, o consenso é fundamental e exige uma comunicação aberta entre os envolvidos tanto a respeito das fantasias de cada um, como dos limites a serem respeitados. Percebe-se, portanto, que o BDSM está plenamente inserido na cultura erótica da contemporaneidade.

No blogue *Devaneios de uma submissa*, é possível encontrar uma série de dicas a respeito de como reconhecer um verdadeiro Dominador. Entre essas dicas, que ajudam a definir o tipo ideal de dominantes, tem-se:

Como primeiro ponto, é imprescindível observar que os praticantes de SM²¹ (os verdadeiros, praticantes na vida real pelo menos) são, geralmente, pessoas intelectualmente sofisticadas, e ao contrário do que se possa imaginar, haja vista que o SM é considerado uma perversão sexual pela OMS, são também pessoas moralmente requintadas. Logo, desconfie sempre da vulgaridade (quando gratuita e desproporcional durante uma abordagem inicial por exemplo) e da avareza de conteúdo cultural durante as primeiras conversações – teste seu Mestre – isto não o diminuirá, nem o tornará menos Dominador (se ele realmente o for), ao contrário, o tornará orgulhoso de poder se mostrar. [...] Desconfie de Mestres que desejem se tornar sua única fonte de informações e conhecimentos SM. Um verdadeiro Mestre estimula seus servos a buscar, se inteirar e aprender cada vez mais. Um Mestre sabe aprender com seu escravo, e como submisso é seu dever ser uma fonte de informações novas e relevantes para seu Senhor. Quando um Dominador tenta se tornar o único referencial SM do escravo denota insegurança e não raro uma certa dose de ignorância. [...] SM é um exercício de sexualidade, de amor e de prazer. Não acredite em contratos de servidão que visem lucro ou comércio entre você e seu Dominador. Você pagará o prazer que receber com o prazer que proporcionará. Não admita ter que pagar ou receber por qualquer prática SM, salvo se for um profissional, é claro. [...] Não é sua obrigação, por exemplo, passar horas na fila do Banco do Brasil para pagar as contas dele somente porque você é seu escravo. Estabeleça os critérios de sua servidão.²² [grifos meus]

²¹ SM ou sadomasoquismo.

²² Disponível em: <<http://devaneiosdeumasubmissa.blogspot.com.br/2013/04/o-verdadeiro-dominador.html>>.

Verdadeiros dominadores são, portanto, a partir da fala dos adeptos, cultos, respeitosos e éticos, além de estimularem seus submissos a obter conhecimento. Não visam lucros financeiros. Além disso, devem cuidar de seus submissos após as cenas. Vários dominadores acentuam essa necessidade. Eles explicam que, durante a cena, o submisso alcança o que denominam de *subspace*, ou seja, um estado psicológico alterado semelhante a um transe hipnótico, no qual, conforme Lady Eve²⁶, ele consegue se separar mentalmente do ambiente físico, enquanto processa a experiência vivida. Assim, permanecer com o submisso, abraçado a ele, por exemplo, é uma forma de ampará-lo nesse momento até que se sinta recuperado da cena.²³ Se ocorreu uma sessão de chicotadas, por exemplo, é possível que o dominador tenha que cuidar de ferimentos e deve estar preparado para o surgimento de outras dores que, durante o *subspace*, por conta da liberação de altas dosagens de endorfinas, o submisso não percebeu. É um dever, portanto, do Dominador acolher o submisso nesse momento. Não à toa, a narrativa anterior é textual ao afirmar que se trata de um exercício de sexualidade, de amor e de prazer.

Pensando na postura correta de um Dominador, a Rainha Frágil aponta o dilema vivido pelos dominadores quando são rejeitados por seus parceiros:

[...] é muito raro se ouvir histórias de Domi[na]dores rejeitados. E Dominadoras também. Mas todo mundo sabe que todo mundo já foi rejeitado algumas vezes. [...] Acho que é certo lidar com isso de uma forma diferente de como os submissos lidam. Sim, é verdade: submissos t[ê]m “permissão” para se rastejar implorando o perdão ou o amor da Dominadora. Mas não consigo ver o contrário. Não vejo como seria poss[í]vel que as posições não se invertissem nesse momento. A Dominadora diria o quê? “Me perdoe, prometo não ser tão controladora...” E por aí, arriscando a sorte até descobrir onde foi que errou. Funciona com os casais baunilha. Mas como ficaria depois?²⁴ [grifos meus]

A impossibilidade de inversão sinalizada pela Rainha Frágil parece associar a expressão de determinados sentimentos com fraqueza, humilhação. Pedir perdão ou o amor de quem domina é compatível com a experiência de submissas, mas não com a de dominadores, sob pena de esses perderem seu poder, sua legitimidade. De fato, o “amor”, como categoria, é um elemento que parece estar mais próximo da experiência de

²³ Para conhecer mais a respeito, ver: <<http://feticheclub.com.br/sub-space-sub-trop-e-sub-burnout-por-ladyeve26/>>.

²⁴ Disponível em: <<http://fragilreino.blogspot.com.br/?zx=352ab7c7ce05b56f>>.

submissão, como já aponte em outro trabalho (Silva, 2015). Já entre os casais “baunilha”, essa possibilidade é viável, uma vez que o exercício do poder, quando existe, oscila, é mais fluido entre os cônjuges.

A filosofia que dá suporte às práticas de submissão masculina, pode-se dizer, é a mesma que suporta as práticas de submissão feminina, ou seja, valores como respeito, obediência, entrega, submissão às vontades da pessoa dominante. Nas palavras de um submisso acerca dos deveres de “escravos” de dominadoras, tem-se:

- O escravo tem o dever de lealdade e devoção à sua Domme.
- Servir a Domme em todos os seus desejos.
- Ser fiel física e emocionalmente.
- Nunca proferir a palavra NÃO, passível de punição caso isto seja descumprido.
- Dispor seu corpo no momento e forma que a Domme desejar.
- Ser propriedade exclusiva da Domme, exceto em casos que ela ordene que ele sirva a outra Domme.
- Ser paciente e amoroso.
- Tratar a Domme sob a forma mais respeitosa possível e como ela exigir.
- Usar coleiras e outros símbolos de posse sempre que a Domme ordenar.
- Reconhecer sua inferioridade diante da Domme.
- Estar à disposição em todos os períodos do dia ou da noite.
- Jamais ter um orgasmo sem que a Domme o permita.
- Obedecer [à]s ordens da Domme sem questionamentos.
- Caso haja descumprimento de qualquer dos deveres, ao Escravo resta aceitar sua punição.
- Ser castigado em qualquer momento sem necessariamente ter cometido alguma infração aos deveres.

Parágrafo final: À Domme é permitid[a] a elaboração de novos deveres em qualquer momento.²⁵

Pode-se completar essa lista com algumas outras regras bastante comuns nesse universo, tais como algumas das sugeridas por Lady Jade:

²⁵ Disponível em: <http://submissoreal.blogspot.com.br/2014_05_01_archive.html>.

Nunca diga para sua *Dona* a palavra *VOCÊ* e sim a palavra *SENHORA* quando for se dirigir [a] Ela... [...] *Nunca* negocie com outra Dominadora se já estiver sob o domínio de sua Dona, isso é extremamente errado. [...] Seja sincero e honesto nas respostas que Ela perguntar [a] você. [...] Se já estiver encoleirado, em seu perfil [use] a coleira virtual com as iniciais Dela e seu nick dentro da chave_{.....}.²⁶

Outras regras podem surgir de acordo com o “contrato” firmado entre dominadores e submissos. Este “contrato”, escrito ou verbal, define consensualmente as particularidades de cada relação de dominação/submissão. Em geral, o único direito que um “escravo” possui parece ser desistir de servir, porém, há aqueles em relações TPE (*Total Power Exchange*) a quem nem esse direito é assegurado. Aos dominadores, é permitido possuir quantos submissos desejar, enquanto esses só podem servir a um único dono.

Vale ressaltar, todavia, que o argumento da consensualidade é problematizado entre teóricas feministas, que apontam a “coerção estrutural” do consentimento, ou seja, um consentimento que é dado a partir de um reflexo condicionado, como o “sim” que as mulheres vêm dando ao matrimônio durante séculos (RUBIN, 1987). Um “sim” muito mais compulsório do que escolha propriamente dita. Gregori (2014a) avança nessa discussão a partir das teorias do direito, que, em grande parte, entendem consentimento como uma aprovação mútua que envolve sujeitos capazes de expressar conscientemente e com responsabilidade a sua concordância. Portanto, tal termo está relacionado à ideia de autonomia individual, que pressupõe a voluntariedade da decisão, tomada por um indivíduo detentor de agência, razão e livre-arbítrio. No entanto, a estrutura da atual sociedade de direitos é formada por relações entre sujeitos em condições muito desiguais, que, portanto, de algum modo, tangenciam posições de vulnerabilidade. Dessa forma, da perspectiva de algumas teorias, o consentimento não pode ser presumido. Para a autora, esse dilema, presente quando o consentimento envolve crianças, por exemplo, também está contido, em alguma medida, entre aqueles cujas posições implicam desigualdades de gênero, cor e raça, entre outras.

²⁶ Disponível em: <<http://srajade.blogspot.com.br/2011/03/regras-basicas-de-dominacao-e-submissao.html?zx=e857098f3a22a321>>.

Diferenças de gênero

As comparações entre homens e mulheres também estão presentes no universo BDSM. No blogue da Domme Kore, tem-se a comparação entre a dominação masculina e a feminina, além da qualificação da mulher dominadora, a partir de uma suposta “natureza” feminina, que inclui o “instinto” materno. Conforme o argumento exposto, a associação do sexo à personalidade caracteriza a mulher dominadora.

Sem querer diminuir a dominação exercida por homens, arrisco-me a dizer que a Dominação Feminina, como em todas as atividades diárias que envolve as nossas vidas, carrega um algo a mais, uma paixão, a qual somente as mulheres são capazes de possibilitar, devido [à]s suas características e personalidade, incluindo a doçura e a face amorosa, quando não, maternais, nas relações entre dominadoras e submissos ou submissas.²⁷ [grifo meu]

Contrariando a crença generalizada de que a maternidade está inscrita na “natureza” feminina, Badinter (1985) realiza um importante inventário crítico das práticas sociais que se desenvolveram a partir do final do século XVIII, que promoveram o que ela denominou de mito da maternidade. A partir de formulações médicas e filosóficas, das quais se destacam aquelas elaboradas por Rousseau, com propósitos ideológicos relacionados à ascensão da burguesia, construiu-se um ideário do amor materno, como se este fosse um instinto natural de todas as mulheres. As implicações práticas deste ideário, com suas exigências crescentes de cuidados das mães para com seus filhos, conduziram as mulheres, ao confinamento do lar, ainda que o processo de apropriação deste ideário tenha ocorrido de formas distintas pelas mulheres aristocratas, burguesas, do campo e operárias. Este mito permeia o imaginário social até os dias atuais e acabou por se revelar na fala da adepta Domme Kore.

Uma outra adepta, Domme Amanda, revela o preconceito de outros adeptos por ser uma dominadora: **“Eu pessoalmente, sendo uma mulher dominante, fui vítima de**

²⁷ Disponível em: <http://bdsmadomaso.com/index.php?pagina=1068306629_01>.

muito preconceito e desconfianças até me firmar e mostrar realmente a que vinha dentro do contexto SM.”²⁸

Já o Sr. Coltrane, que se diz machista convicto, diferencia o que chama de “papel sexual” do papel social de homens e mulheres para pensar a dominação feminina. Com isso, sua crítica não está na possibilidade de existirem dominadoras, mas na associação entre dominação feminina e feminismo. Conforme suas palavras:

Primeiramente, o papel sexual existe independente do papel social. Não é raro termos submissas que profissionalmente ocupam cargos de comando, e chegam a ser extremamente autoritárias em suas funções enquanto profissionais. Também existem Dommies que nem sequer trabalham fora, sejamos honestos. Igualmente, submissos com carreiras proeminentes, que optaram pela submissão em sua sexualidade. O besteiro acontece quando se mescla FemDom²⁹ com feminismo. E adquire proporções geométricas, quando decide procurar seus bodes expiatórios no sistema patriarcal da sociedade.³⁰ [grifos meus]

Sr. Coltrane deixa claro, conseqüentemente, que dominação e submissão são papéis sexuais, que independem do papel social e mesmo do gênero. Critica, no entanto, uma suposta relação entre dominação feminina e feminismo. Nesse caso, o feminismo aparece como uma categoria acusatória, que deprecia certo imaginário envolvido em alguns jogos de dominação feminina.

Para Werther von AY erschaffen, a dominação exercida por mulheres é complexa, delicada e, de fato, transgressora por reverter o *status quo* masculino. Ele explica:

[...] o grande diferencial entre a Dominação Feminina e a Dominação Masculina é que a primeira contraria a influência do Machismo, tão arraigado na nossa cultura Patriarcal; enquanto a segunda apenas ratifica este padrão. [...] A Dominação Feminina ao masculino traz em si a questão da Superioridade Feminina, o que numa sociedade Patriarcal é entendido quase sempre em forma de Humilhação. [...] Há quem considere a Dominação Feminina como um advento do Feminismo no BDSM, mas não consideramos a Dominação Masculina, de forma análoga, como algo pertinente ao Machismo, afinal este não contraria padrão algum.³¹ [grifo meu]

²⁸Disponível em: <<http://www.pensamentoindecente.com/2012/02/bdsm-dominacao-submissao-e-o-switcher.html?zx=7b8b16ef8de82ab6>>.

²⁹ Denominação utilizada para informar a dominação exercida por mulheres.

³⁰ Disponível em: <<http://casacoltrane.blogspot.com/2006/08/dominacao-feminina-e-feminismo.html>>.

³¹ Disponível em: <<https://pt.scrib.com/doc/102148857/BDSN-Dominacao-Feminina-Dominacao-Masculina-e-Humilhacao>>.

Interessante a ênfase que o nativo dá à “humilhação”, por denunciar que os jogos de submissão masculina às mulheres são, *a priori*, percebidos como jogos de humilhação, uma vez que se opõem a crenças machistas da sociedade. O machismo, como crença do mundo “baunilha”, parece se revelar, no entanto, no próprio universo BDSM, quando esse associa a experiência de dominação feminina como decorrente da influência feminista, o que, em certa medida, retira dessa experiência sua legitimidade como jogo erótico e obscurece o machismo presente no meio.

Considerações finais

Do que foi exposto neste trabalho, é possível construir um breve quadro dos tipos ideais de dominação e submissão, seus direitos e deveres. Assim, tem-se a dominação e a submissão compreendidas pelo meio como características inatas do praticante, articuladas por alguns adeptos como uma orientação sexual. Apesar disso, exigem um aprendizado específico. A dominação é vista como um talento a ser lapidado, enquanto a pessoa submissa terá que ser “adestrada” pelo seu dono. A submissão é percebida como um “tesouro”, algo valioso, por isso exige do dominador responsabilidade, cuidado. Em troca, o dominador receberá obediência, respeito, lealdade.

As tensões que denomino de gênero estão presentes entre os membros do grupo e revelam o quanto no imaginário social a dominação está associada aos homens e a submissão às mulheres. Ainda que neste universo erótico os *locus* da dominação e da submissão estejam abertos aos gêneros, conforme uma suposta natureza, a dominação feminina e a submissão masculina são percebidas como transgressoras.

A desigualdade de poder vigente na hierarquia de gênero parece ser um dos mais poderosos “gatilhos”, conforme definição de Zilli (2007), para obtenção de prazer sexual, haja vista ser um dos elementos centrais da transgressão BDSM. Segundo Gregori (2014b), a partir de uma posição sempre relacional, dominador e submisso parodiam as assimetrias de poder entre os gêneros e a própria dicotomia que relaciona o papel sexual “ativo” ao homem e o “passivo” à mulher: seja acentuando ao máximo possível o poder do homem sobre a mulher, dando à paródia um efeito caricatural, o que causa a sensação

de inapropriado, seja, ao contrário, concedendo à mulher o poder tradicionalmente masculino.

Como bem pontua Georges Bataille (2013), o erotismo, ao transgredir as normas sociais, desarrumando-as, revela traumas sociais. Como um meio de transgressão social, produz novas hierarquias, novos valores e novas normatividades.⁷ Ao resignificar as posições de poder entre os gêneros, o BDSM acaba por revelar a opressão presente nestas posições, tanto para quem detém o poder quanto para quem não o detém.

Referências bibliográficas

BATAILLE, Georges. 2013. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

BADINTER, E. Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução número 510, de 07 de abril de 2016. [acessado em 2018 mar 29]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>

FACCHINI, Regina. *Comunidades imaginadas: uma reflexão a partir de mulheres que têm relações erótico-afetivas com mulheres no “meio BDSM”*. In: GAT 7: Sociabilidades, práticas sexuais dissidentes e marcadores de diferença do VIII ENUDS. Unicamp, Campinas, 8 a 12 out. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GAYLE, Rubin. The Leather Menace: Comments on Politics and S/M. In: SAMOIS. **Coming to Power**. Boston: Alyson Publications, 1987.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 51, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27290>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

- _____. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. *Cadernos Pagu*, n. 42, p. 47-74, jan.-jun. 2014a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/download/27290/29062>>. Acesso em: 2 jan. 2015.
- _____. SM. 2014b. [Mimeo].
- _____. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, n. 20, p. 87-120, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n20/n20a03.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- LE BRETON, David. 2010. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes.
- LIPOVETSKY, Gilles. 2007. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Marília Loschi de. *A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucitec Editora; 2014.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/SCOTTJoanGenero.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2013.
- SILVA, Vera Lucia Marques da. Orientação sexual. In: FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela (orgs.). *Dicionário Feminino da Infâmia: Acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015a.
- SILVA, Vera Lucia Marques da. *Sob a égide do chicote: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade*. [Tese]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 2015b.
- WEISS, Margot. Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality. Londres: Duke University Press, 2011.
- ZILLI, Bruno DallaCort. *A Perversão domesticada – estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria*. 95f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.